

37. Antes, porém, publica as estampas das 15 primeiras lucernas e que se encontram em melhor estado do que as outras. Por último dá a bibliografia ou enumera as obras consultadas.

As lucernas agora catalogadas são tôdas provenientes de Conimbriga (a cidade romana junto de Condeixa-a-Velha, no distrito de Coimbra). Quanto à sua cronologia, estende-se desde o século I ao século IV d. C., ou mais exatamente à época paleo-cristã.

JORGE PEIXOTO

NUNES (Pedro) — *Defensão do Tratado da Rumação do Globo para a Arte de Navegar* (obra desconhecida e inédita, agora dada ao prelo precedida de uma introdução sôbre a respectiva autenticidade) in *Inedita ac Rediviva* — subsídios para a História da Filosofia e da Ciência em Portugal, publicados por Joaquim de Carvalho, vol. IV, XXXII — 87pp. (Sep. da Revista da Universidade de Coimbra, vol. XVII, Coimbra, 1952).

Nem o grave mas, felizmente, não lamentável acidente de visão que o acometeu no ano passado, — que o impediu aliás de vir nos dar o prazer de ouvi-lo na nossa Faculdade — nem os muitos trabalhos que tem, esmorecem a atividade do ilustre Professor Joaquim de Carvalho. A êle deve Portugal e a cultura científica e filosófica do nosso tempo e de nossa língua, a importante coleção *Inedita ac Rediviva*, na qual já estão publicados trabalhos de muito valor, como são o *Contra o Juízo dos Astrólogos*, de frei Antônio de Beja; o *Ensino Philosophico* sôbre o Entendimento Humano, de Locke (resumo dos livros I e II, recusado pela Real Mesa Censória); a *Correspondência Científica* dirigida a João de Magalhães e, agora, a *Defensão do Tratado da Rumação do Globo para a arte de navegar*, de Pedro Nunes. A todos êstes trabalhos juntou o ilustre professor da Universidade de Coimbra, magistrais estudos introdutórios que são verdadeiras e sábias demonstrações do difícil “ofício de historiador” a que se obriga também o historiador da filosofia, e até o filósofo que não se limita apenas à especulação “pura” ou, como acontece muita vez, à instável fantasia caprichosa de certos filosofantes, mais interessados na aparência social do que no trabalho recatado e honesto.

O livro de Pedro Nunes, cuja importância deve ser assinalada a todos que não sômente se interessam pela história das ciências, mas também pelo estudo da riquíssima época que é a renascença em Portugal, à qual se prendem a nossa própria história.

Em 1944, o então leitor de italiano na Universidade de Coimbra, indicara ao Prof. Joaquim de Carvalho a existência, no catálogo da Biblioteca de Florença, de uma obra atribuída a Pedro Nunes. Em 1949, examinou o Prof. Carvalho, *in loco*, o próprio manuscrito, convencendo-se da inteira autenticidade do trabalho. E é êsse manuscrito que ora vem publicado no vol. IV da excelente coleção que aquêle professor organizou e dirige.

A introdução ao trabalho de Pedro Nunes é um estudo muito sério acêrca das vicissitudes e da autenticidade da obra. É, como dissemos acima, uma lição de mestre e bom seria que ela fôsse bem aprendida. Há nessa introdução, interessantes referências aos acontecimentos ligados aos últimos anos de vida do grande sábio português do século XVI. A história do manuscrito prende-se “às dúvidas que Martim Afonso de Sousa apresentou em 1533 a Pedro Nunes, no regresso da viagem ao Brasil” e que “foram o ponto de partida das reflexões que levaram o nosso geômetra ao descobrimento da curva que o navio descreve navegando com o mesmo rumo, isto é, mantendo sempre o ângulo da direção da proa com o meridiano verdadeiro, e a explicar e a corrigir os defeitos das cartas de marear quadradas, em uso pelos nossos navegadores”. (p. xix). Isto mostra mais uma vez que os homens encarregados de dirigir os primeiros passos da colonização portuguesa, no Brasil eram homens de valor. Já sabíamos

aliás, pela leitura do Garcia da Orta, do Conde de Ficalho, que importante figura de sábio foi Martim Afonso. Outro fato interessante que se aponta na introdução é o de receberem, em Lisboa, os pilotos da carreira da Índia, na ocasião da partida, cartas de marear diferentes das que se vendiam publicamente, e de as recolherem àquêle mesmo organismo quando regressavam da viagem. Não menos curioso é o estilo desempenado e ágil de Pedro Nunes, do qual, para exemplo, reproduzimos aqui um pequeno trecho da primeira parte da *Defensão*: “Ly o tra'ado que hum Bacharel compos sobre o aRum.r do globo a fim segundo por elle vejo de reprehender o que sobriso escrevi na obra que de-regi A. V. A. No qual certo não acho outra cousa certa, senão o que diz dos lououres de V. A. Que nisto não podia elle errar. senã em querer dizer o que se não pode falar. Mas entrou em tamanho peego confiando na sua eloquencia & lingoagem tam esmerada, prencipalmente ficando lhe por socorro o seu latim. posto que em algum modo pareça contradição. aver A. V. A. por tamanho mathematico vsando de mestre tão ignorante, como lhe eu pareço, etc. etc.” (p. 1).

O Snr. Prof. Joaquim de Carvalho merece os nossos melhores aplausos pelo louvável serviço que vem pres'ando, com a sua coleção dos *Inedita ac Rediviva*, aos estudiosos da história do pensamento português ao qual estamos ligados por tão estreitos laços.

J. CRUZ COSTA

BATAILLON (Marcel). — *Études sur le Portugal au Temps de l'Humanisme*. Acta Universitatis Conimbricensis, 1952, 309 pp.

O Prof. Marcel Bataillon, erudito dos mais inteligentes da França atual, autor de uma obra que é hoje impr:scindível para quem pretenda estudar o humanismo renascentista na Espanha ou em Portugal, diríamos melhor, talvez: para quem pretenda estudar o Humanismo e a Renascença, — acaba de publicar, na coleção *Acta Universitatis Conimbricensis*, êste volume no qual reune alguns trabalhos da mais alta importância para o conhecimento de muitos aspectos da vida espiritual portuguêsã do século XVI.

Para nós, brasileiros, tão intimamente ligados pela língua e pela história, a Portugal, êste novo livro do Prof. Marcel Bataillon é também de grande interesse e importância. Poderíamos nos deter e alongar aqui, aproveitando a lúcida e sugestiva erudição do Prof. Bataillon, a comentar muitos dos pontos, até há pouco ainda obscuros, dessa curiosa história espiritual portuguêsã, de entre Idade-Média — uma Idade-Média toda particular, se assim podemos dizer — e do Renascimento, não menos característico daquele pequeno povo do qual herdamos muito mais do que talvez julgamos. Poderíamos indicar aqui seguindo as lições do Prof. Bataillon, a riqueza imensa que herdamos da vida espiritual daquele pequeno país, através do pensamento de língua portuguêsã que falamos e que, apesar da enorme contribuição de outros povos e civilizações para o nosso devir histórico, é ainda a nossa principal força de assimilação de gent'es tão variadas e diversas que também têm ajudado a formar a inteligência e a cultura do nosso país.

Naturalmente não pretendemos resumir nesta simples nota, tôda a farta messe de informações e de sugestões que o trabalho contém. O nosso desêjo simplesmente em assinalar esta importante obra aos estudiosos do assunto e, principalmente, aos jovens que na nossa Faculdade, nas secções de história e de filosofia, preparam teses e trabalhos que se relacionam com o assunto.

Os temas estudados nesta obra, são os seguintes: **A morte de Henrique Caiado**; **Os portuguêses contra Erasmo**; **Erasmo e a Côte de Portugal**; **O sonho da conquista de Fez**; **André de Gouvea**; **Damião de Goes e Reginald Pole**; **O Cosmopolitismo de Damião de Goes**; **Uma fonte de Gil Vicente e de Montemor**; **A edição escolar coninbricence dos “Colóquios”**; **Joana de Áustria, princesa de Portugal**; **A Implantação da Companhia de Jesús em Portugal**.